E nesse sentido, eu só queria chamar atenção para um dos setores - o Deputado Carlos Minc acabou de sair - mas que diz respeito à questão da economia circular. Porque a gente afirma que ela tem de ser circular, sim, mas precisa ser solidária também. É fundamental que todos tenhamos consciência da situação degradante em que hoje nós vivemos no Estado do Rio de Janeiro, não só do ponto de vista estadual, como também do ponto de vista municipal, onde na questão dos resíduos, a política que predomina é ambientalmente degradante, economicamente burra e socialmente excludente. Então, a economia solidária vai fazer com que esta economia circular aconteça, e para isso a gente está articulando esse diálogo com o Poder Executivo e Poder Legislativo.

Então, é só para dizer que a economia solidária apesar de todas essas ameaças, está cada vez mais forte no Estado do Rio de Janeiro. Acabamos de revitalizar o Fórum de economia de São Gonçalo, o Fórum de Rio das Ostras, criamos o Fórum de Cabo Frio e vamos seguir nesta luta de construção da resistência dessa nova economia e outra cultura. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Waldeck Carneiro) - Obrigado, Antônio Oscar, por sua participação constante na discussão, luta e organização do campo da economia solidária no Rio de Janeiro.

Eu quero destacar que o Carlos Minc tinha uma agenda já marcada ao meio-dia, por isso teve que sair mais cedo, e a Ana Asti me avisou ao sair que infelizmente precisava comparecer ao sepultamento da avó de seu marido. E o Eliomar também participa de uma atividade agora, às 13h, que é a reunião da bancada, não é isso? Então, Eliomar, quer fazer uma saudação final?

(Fala Fora do Microfone)

Então, agradeço a Comissão de Cultura. Já tem um encaminhamento para nós aqui, Eliomar; vou fazer aquela interface do turismo com a cultura sobre o artesanato.

Passo a palavra aqui ao Almir Cesar Filho, do Ministério da Agricultura; servidor do quadro do Ministério da Agricultura e sempre conosco nos debates da economia solidária, da agricultura familiar. Em seguida, Diogo Antunes.

Tem que organizar mais o tempo, pessoal, porque estão pressionando para a entrega da sala, então alerto todos os expositores que ainda restam para intervir.

O SR. ALMIR CESAR FILHO - Boa tarde a todos, boa tarde a todas; boa tarde, Mesa. Para os companheiros que não me conhecem, sou o Almir, economista servidor do Ministério da Agricultura. Antes eu era do Ministério do Desenvolvimento Agrário, que foi recentemente extinto; agora, esse ano, no Governo Jair Bolsonaro. Saudar pelo evento, entendendo que é uma primeira aproximação das duas dimensões, e muito importantes. E trazer para vocês algumas questões e propostas. Lembrar que não só o agricultor familiar, o membro da comunidade tradicional, o pescador artesanal, o silvicultor, são importantes segmentos da economia solidária. Inclusive, a partir da definição dada aqui pelo mestre Antônio Oscar sobre o que é os segmentos da economia solidária: aqueles que combinam os meios de produção com o próprio processo do trabalho. Lembrar também que a inovação não se dá no campo apenas da cidade; não é apenas urbano, ela também se dá no campo do campo, no rural. E nesse sentido, as duas dimensões se convergem. O Ministério da Agricultura vem propondo a constituição um polo de inovação agropecuário aqui no Estado do Rio de Janeiro. Curiosamente, o nosso estado tem apenas um PIB agropecuário de 1 , mas ele é muito maior que o PIB agropecuário de quase dez outros estados brasileiros. É claro que para um PIB gigante como o do Estado do Rio de Janeiro, ele é pequeno. Para uma população como a do Rio de Janeiro, que é apenas 5 rural, ela é pequena, mas é significativa porque abastece uma parte considerável da nossa população, gera emprego e renda para uma outra grande parcela. Mas é curioso que no nosso estado nós tenhamos três Embrapa, a Pesagro, a Fiperj, cursos de engenharia agronômica, engenharia agrícola, veterinária, universidades federais e estaduais, institutos federais, escolas agropecuárias e que poderíamos integrar para gerar Agrotecs, tecnologia para a agropecuária. Não só para qualquer agropecuária, porque nós não precisamos concorrer com a agropecuária de Mato Grosso, Minas Gerais e São Paulo, mas para a agricultura familiar, para a produção orgânica e agroecológica. E para isso, inclusive, integrando com os outros segmentos da economia solidária, porque os catadores podem gerar adubo, compostagem para a agricultura familiar. E aí, as tecnologias sociais podem fornecer os elementos tecnológicos para a utilização de carbono urbano para a formação de biofertilizantes. Precisamos também de inovações para gerar defensivos alternativos para a agricultura orgânica agroecológica.

Nós também precisamos de apoio de legislação para agroindústria familiar, para ela ter acesso também às tecnologias e capital para implementar, processar e beneficiar o alimento desse agricultor familiar urbano agroecológico. E aí, o Ministério da Agricultura está à disposição de vocês, das duas frentes parlamentares, para a construção de iniciativas aqui no Estado do Rio, para a gente potencializar esses dois aspectos.

Obrigado! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Waldeck Carneiro) - Obrigado, Almir Cesar Filho.

Diogo Antunes tem a palavra; em seguida, Celecina Santos, e depois, para concluir, Elen Guimarães.

O SR. DIOGO ANTUNES - Bom dia a todas e todas! Eu sou Diogo Antunes, Servidor do extinto Ministério do Trabalho, agora Ministério da Economia, na Superintendência Regional do Trabalho, atuando com a área de economia solidária.

Bom, uma boa parte do que eu ia falar já foi falado aí em várias falas. O Antônio Oscar colocou bem a questão da economia solidária, enfatizando essa questão do conceito. A economia solidária é uma forma de organização do trabalho, onde você tem uma organização gerida pelos próprios trabalhadores, você não tem a separação entre a propriedade e o trabalho, são os próprios trabalhadores que gerem os negócios. E a economia solidária tem também um elemento de movimento social, no qual se propõe uma outra economia, uma nova economia. E nesse sentido, a economia solidária é uma economia crítica, uma economia que busca se contrapor, em alguns termos, ao capitalismo tradicional.

Enquanto a economia criativa, no meu entendimento, não sou especialista na área, é uma forma de classificação de atividades econômicas e divisão das atividades econômicas, que leva em conta o imaterial, o poder da ideia e da criatividade na agregação de valor. Então, quando você tem a criatividade, as ideias como insumo produtivo para agregar valor num produto, seja ele uma roupa, seja uma ele obra audiovisual, um filme, enfim, uma peça de artesanato, você tem aí a economia criativa. Então, a economia solidária pode ser criativa? Claro que pode. Alguns segmentos podem ser economia solidária? Também podem. O perigo dessa aproximação é quando ela é feita de forma acrítica. A própria teoria crítica, que já vem desde os anos 50 discutindo a questão da indústria cultural, identificou como o capital em geral se apropria da contracultura, dos elementos críticos da cultura, de elementos populares da cultura, retira disso a parte que é crítica, contestadora, popular e deixa só a parte que diz respeito ao entretenimento; transforma isso em um produto e revende esse produto de forma a que o elemento cultural ali é neutralizado no seu sentido crítico, ele deixa de ter um efeito crítico, um efeito de questionamento da sociedade.

Então, a gente vê isso acontecendo muitas vezes com a economia feminista, o movimento negro em determinados aspectos. Muitas vezes a gente vê grandes empresas, representantes do capitalismo incorporando a pauta feminista, incorporando a pauta negra e tirando daí o elemento crítico, de questionamento das desigualdades que são propiciadas dentro do sistema capitalista e que geram essa questão da desigualdade negra, da mulher no mercado de trabalho e também na questão da economia solidária.

Então, a economia solidária pode se aproximar e deve se aproximar das políticas públicas de economia criativa, tomando o devido cuidado de não perder o seu elemento crítico, o seu elemento de construção de uma outra economia. Então, eu acho que essa que tem que ser a nossa pauta. A gente também não pode abrir mão de uma política pública que tem recursos do estado e que é feita para estimular a economia criativa, a criatividade, o empreendedorismo. E muita das vezes está fomentando, sim, o empreendedorismo de forma solidária, coletiva, na medida em que estimula também os pontos de cultura, que são elementos próximos da economia solidária, entre outros elementos.

Para concluir, eu queria citar dois exemplos. Um deles é a Rede Justa Trama, que é um dos grandes casos de sucesso na economia solidária brasileira e que, essencialmente, é uma rede também de economia criativa. A Rede Justa Trama é uma rede de vários empreendimentos de economia solidária, que cumprem toda a cadeia do algodão ecológico até a roupa de origem orgânica e agroecológica. Então, o plantio de algodão é feito por uma cooperativa, a tecelagem é feita por uma tecelagem, que é uma indústria recuperada, gerida pelos trabalhadores, a costura e a feitura das roupas são feitas também por uma cooperativa...

O SR. PRESIDENTE (Waldeck Carneiro) - Concluindo, por favor.

O SR. DIOGO ANTUNES - Já vou concluir. E a venda também desses produtos é feita de maneira solidária. Então, esse é um exemplo clássico de economia criativa e solidária. E aqui no Rio de Janeiro, a gente já está conversando com a Secretaria de Economia Criativa e Cultura, para a gente integrar as secretarias na construção do circuito fluminense de economia solidária, cuja primeira edição a gente vai estar realizando agora no dia 11 de setembro, aqui na Praça XV. Então, a economia criativa já se aproximou da gente e está buscando auxiliar a gente na organização desse evento, na parte de programação cultural, com a expertise que eles têm também em termos de organização de eventos. Então, dizer que essa aproximação já vem acontecendo e que o movimento também deve chegar junto para que a gente faça essa aproximação de maneira crítica sem tirar o elemento contestador da economia solidária.

Obrigado! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Waldeck Carneiro) - Obrigado. A Mesa pressiona para garantir a palavra de todos; é por isso que a gente pressiona. Obrigado, Diogo.

Celecina Santos tem a palavra, e, por último, Ellen Guimarães.

A SRA. CELECINA DOS SANTOS - Bom dia a todos; cumprimentando a Mesa. Pena não ver aqui o Minc, porque, muito bem lembrado na nossa última audiência pública foi feita essa provocação dos diálogos, da transversalidade entre as economias. Eu me sinto muito contemplada com essa audiência aqui hoje. Até um tempo bem hábil Waldeck. Parabéns! Obrigada por esses espaços.

Eu sou empreendimento de economia solidária, já alguns anos. Meu nome é Celecina Rodrigues dos Santos, sou do Fórum de Niterói, faço parte do Conselho Estadual, faço parte de vários GTs dentro do movimento, sou da Executiva de Niterói também alguns anos, GTs de Formação de Cultura, de Criação, de não sei o que, e todos os GTs que me chamam, estamos sempre ali interagindo. Sempre defendi de maneira muito firme a transversalidade dos movimentos e dos diálogos. Eu sou uma grande defensora. E até dentro do conselho estadual tinha feito uma solicitação a Lucas Venâncio, não sei se ele está aí. Eu estou sem lente, não estou vendo. O Lucas levou inclusive pro Conselho, uma apresentação que eu não pude ter acesso. Eu achei aquilo muito pontual e muito interessante ele vir e trazer. Porque é que eu venho falando, não me contradizendo com a outra audiência pública de outras discussões que temos tido. A transversalidade ela é necessária entre os movimentos sociais, nós precisamos desse diálogo. Agora, é seguinte, nós precisamos entender os nossos critérios e conceitos. Porque a economia solidária - eu que sou empreendimento, não sou uma pessoa técnica como vocês, que até me sinto contemplada em ouvi-los - ela tem direcionamentos e princípios que são a construção e o fortalecimento do indivíduo. Vocês peguem e fiquem imaginando: eu, enquanto uma mulher negra artesã, excluída do mercado de trabalho tradicional e que vem até a economia solidária e chegando a uma audiência e falando com vocês técnicos do estado de vários setores. Eu acho que eu já sou uma prova muito viva de um dos princípios da economia solidária, que é primeiro uma linguagem horizontal, a nossa linguagem horizontal.

Outra coisa, nós buscamos o fortalecimento do indivíduo. A rede é necessária, as políticas públicas são muito necessárias, mas, o fortalecimento da nossa base ir lá... Falo como mulher negra, periférica, artesã, como empreendedora participante do Baobá também, que é um espaço negro. Moradora de Niterói, que é uma cidade que está assim, potente na cultura inaugurando seus centros públicos, mas, eu tenho dito isso de uma maneira muita continuada e vou falar novamente. Para cada um de nós que estamos aqui, temos dúzias que não foram alcançados, e é isso que me contempla na economia solidária, é saber que eu não tenho que estar numa rede que está pronta, assim como eu que sou um empreendimento, temos dezenas e dezenas de outros empreendimentos que vêm sendo fortalecidos dentro do movimento, e essa é uma das poucas coisas que ainda estão me preocupando em relação à economia criativa e outras economias que eu vejo. Eu acolho, eu acho legal, eu acho que nós vamos namorar sim; namoro não é casamento. Porque a gente tem que entender que temos aqui, por exemplo, o que é que eu trouxe aqui hoje gente. Eu sou uma católica no mundo praticante e tenho a minha bíblia, mas, dentro do movimento eu tenho a plenária, olha que movimento, numa tentativa de organização eu tenho uma plenária que tem todos os direcionamentos, que passam pelo F10, pela máquina regional, pelos fóruns estaduais e pelos fóruns municipais. Então, a gente tem que chagar - assim educou minha avó, quando a gente era criança, que quando a gente chega na casa de alguém para a gente fazer uma visita, a gente pergunta onde é o banheiro, onde é a geladeira. Então a gente tem sim, que se namorar, a gente tem que se conversar e entender que, somos potência, somos potentes, temos direcionamentos, mas, temos que ter aquele olhar cuidadoso, onde estamos, quem somos e o que faremos por aqui. Porque me preocupa muito, não só a economia criativa, ou qualquer economia, ou qualquer política pública, que elas são apenas uns grandes centros. É muito legal, é muito bonito estar aqui, agora, quantos empreendimentos, quantas mulheres negras, quantas artesãs há aqui tendo voz?

Então, a gente está pegando as nossas propostas, trazendo pros lugares bonitinhos com ar condicionado. A economia solidária me mostrou que temos que sair dos grandes centros e buscar lá, na base mesmo; as mulheres periféricas, os quilombolas, sabe os artesãos que estão sem espaço, que não podem pagar uma feira. Nós precisamos ter esse olhar cuidadoso. Então, eu não vou me contradizer quando eu digo economia criativa e todas as economias que sejam, sim, vamos transversalizar. Porque dentro da economia solidária eu entendi, que eu não sou só uma artesã, eu sou também uma mobilizadora, eu estou sempre em diálogo com todos os outros setores, seja em Itaipu, junto aos pescadores, seja junto a agricultura familiar, seja junto os orgânicos. A gente está sempre caçando confusão, sabe, a gente está sempre caçando diálogo, a gente está sempre aberto a tudo. Mas, eu acho muito importante que, quem chegar, quem acreditar que temos a trocas a fazer, trocas. Como diz Santa Maria; experiências aprendentes e ensinantes. Sabe, eu acredito que vocês tenham sim a oferecer, pelo nível de organização e de apoio que a economia solidária não tem tido tanto, me desculpem. A gente tem tido assim, umas cambaliadas nessa caminhada toda, mas, eu acho que vocês têm que entender assim; o que faremos? Como dialogaremos? A gente não pode atropelar uma construção de um movimento que vem lutando no sol, ou na chuva esse tempo todo.

Então, eu me sinto contemplada, agradeço ao Waldeck, agradeço ao Minc, agradeço a todos. As falas de hoje foram assim, superconstrutivas. E estou sempre aberto a ouvir muito, embora não entenda algumas coisas, não queiram isso muito de mim, né? Mas, estou aqui sempre aberta. Pedi ao Lucas Venâncio inclusive, que apresentação que foi feita no Conselho possa ser socializada nos nossos grupos. Eu tenho a plenária do Fórum de economia solidária de Niterói hoje, e me disponho apresentar nos espaços. Porque, acho que no Conselho não teve uma frequência absoluta. Vamos nos conhecer, vamos nos namorar, e vamos isso aí, que seja uma coisa mútua. Eu pedi e busquei, está dentro do Conselho para conhecer a economia solidária. Eu não critico o que eu não conheço, mas, eu acho que tem que ser feito uma coisa muita séria, porque, nós temos plenária, nós temos direcionamento, nós temos rede de educadores populares que vêm anos e anos lutando para dar formação aos nossos empreendimentos. E eu vejo na diferença, dessas outras economias com a economia solidária, que a economia solidária não pega pronto; ela pega a mulher negra, a mulher periférica, pega a cultura familiar, formação de grupos, para formar grupos. A gente tem tido uma coisa continuada, não só de uma comercialização.

O SR. PRESIDENTE (Waldeck Carneiro) - Concluindo Celecina.

A SRA. CELECINA DOS SANTOS - Ok! Não só da comercialização, mas, de uma formação política e de um senso crítico. Que te faz uma mulher negra como eu artesã vir aqui conversar sobre isso e palpitar. Porque a linguagem horizontal, eu acho que é uma das coisas que tem que ser preservada dentro da economia solidária, sabe, essa linguagem horizontal, como eu vi aqui hoje muitas falas maravilhosas, mas, vi poucos empreendimentos que são na economia solidária os principais representantes, que são as principais vozes que tem que ter. Porque você construir uma política pública para quem está pronto, difícil. Mas, agradeço muito se a economia criativa vier a contribuir, a entender a economia solidária e a fortalecer, de uma maneira efetiva, os empreendimentos de economia solidária. E insistindo sempre, como eu digo: que juntos com certeza seremos mais fortes.

Obrigada, Waldeck! (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Waldeck Carneiro) - Obrigado, Celecina. Tem a palavra agora; Ellen Guimarães. A última inscrita, para a gente fechar com os encaminhamentos desta audiência. Ellen Guimarães, que é do Cefet.

A SRA. ELLEN GUIMARÃES - Boa tarde a todas e todos! Boa tarde a mesa! Obrigada pela oportunidade. É muito importante esse diálogo público, porque a partir desse diálogo, eu acredito que a gente possa construir uma sociedade diferente. Então, eu estou aqui, eu sou membro do Fórum estadual, representando uma entidade de apoio e fomento aos empreendimentos da economia solidária, que é a incubadora tecnológica de empreendimento solidário sustentável do Cefet. E, eu queria deixar muito claro que nós incubadoras de apoio à economia solidária no estado do Rio de Janeiro, já somos seis organismos espalhados em vários municípios do Rio de Janeiro. E dentro da incubadora, nós vamos praticar a união da economia solidária com a economia criativa. Porque ela poderá nos trazer sim, questões muito interessantes. Convergências são possíveis. Nós estamos falando de uma sociedade diversa. Se é uma sociedade diversa, a gente tem que entender tudo que está à nossa volta; a gente tem que entender essa pluralidade que está posta dentro da sociedade.

Então, eu queria fazer uma proposta para ser bem objetiva, é que, a gente tenha ao modelo do PRONIC Federal. Aí, Diogo, que milita no governo federal. A maioria dessas incubadoras é federal, só tem uma estadual, que é a UENF, lá em Campos. Então, a gente tem a POP-UFRJ que foi a pioneira no Brasil. no Rio de Janeiro, a incubadora que apoiava, que apoia, a economia solidária nasceu na POP. Em 96 eu estava lá, quando isso aconteceu. Criamos a do Cefet. O Instituto Federal do Rio de Janeiro tem um campus atuando em Volta Redonda. A gente tem o IFF, também de Campos, atuando em Bom Jesus de Itabapoana. A Uenf, a ITEC, que atua em Campos. E, a gente tem Volta Redonda da UFF, que é a ITEC, que está, é da UFF, mas, atua em Volta Redonda. Então, na verdade nós, hoje, já temos em funcionamento seis incubadoras, e nós precisamos de apoio do estado. Da mesma maneira que o estado através da FAPERJ aloca recursos para incubadoras de empreendimentos da economia formal, nós incubadoras dos empreendimentos da economia solidária, também precisamos desse apoio.

Então, eu estou aqui solicitando, justamente que a gente possa fazer a modelo do Pronic, que é um programa federal de apoio as incubadoras das cooperativas populares, a gente também tenha um programa estadual de apoio a essas incubadoras. Só para dar um exemplo, o último projeto que a gente no Cefet fez, com o CNPq. A Lícia está aqui, é testemunha, nós colocamos como meta no projeto, apoiar a SMD no município do Rio de Janeiro, quer dizer, apoiar os empreendimentos da economia solidária no Rio de Janeiro. Então, nós alocamos recursos financeiros de patrimônio, fornecer patrimônio para os empreendimentos, não foi para SMD não, foi para os empreendimentos. Ela sabe muito bem da nossa luta por isso, e eles também. Então, a gente tem que andar, é junto; é assim que a gente constrói a nova sociedade.

Obrigada! Boa tarde a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Waldeck Carneiro) - Obrigado Ellen Guimarães. Eu agradeço a presença de todas e todos, tanto os componentes da mesa, quanto todas e todos os participantes. Nós temos de fato que entregar, esse é o salão nobre do Palácio Tiradentes, usualmente não é empregado para audiências públicas, foi uma concessão que foi feita por causa das outras salas que estavam ocupadas. Eu quero concluir, reprisando alguns encaminhamentos que parecem que podem ser aqui formalizados. Primeiro eu conversei com Eliomar, antes da saída dele. Nós vamos mesmo, é Diogo, organizar uma audiência pública, de novo em conjunto, da comissão de cultura e da Frente parlamentar de economia solidária, para discutir especificamente a questão da gestão pública estadual do artesanato, como discutir a melhor posição, digamos assim, institucional no aparelho do estado para as políticas do artesanato e convidando claro, a secretaria de cultura, a secretaria de turismo, de desenvolvimento econômico. Então, a gente vai tentar objetivar uma audiência, e no máximo 45 dias aqui na Casa, para tratar dessa questão.

Um segundo encaminhamento, Ellen. Cadê a Ellen? Eu vou conversar, eu vou pedir uma audiência, eu tenho conversado muito com ele. Porque, eu presido também a comissão de ciência e tecnologia, e sou membro da comissão de educação. Então, no caso das incubadoras inclusive, você mencionou a UFF, que a UFF tem um campus em Volta Redonda como você sabe, a muito tempo, desde a época da antiga escola de engenharia industrial metalúrgica, hoje é um campus completo. E, a gente está tentando, Antônio Oscar tem atuado nisso, o Marcos Rodrigo também, tentando ressuscitar a incubadora da UFF no campus de Niterói. Inclusive vamos provocar a nossa querida companheira Professora Lia Tiriba, que é uma estudiosa da economia popular na interface com a educação, para ver se a gente consegue. Porque, antes era a Professora Bárbara França que pilotava, pois é. Então, assim, só para saber que a UFF também tem a perna de Niterói que está sendo, digamos, reconstituída.

E, a minha ideia, é outro encaminhamento, é o segundo aqui, é conversar com o presidente da FAPERJ, para a gente ver se a FAPERJ conseguir abrir uma linha de fomento específica, específica, para as incubadoras de economia popular que funcione em instituição de ensino superior aqui no Rio de Janeiro. Esse é o desenho, sejam federais, sejam estaduais, sejam privadas, pouco importa, mediante o critério fixados em edital, mas, a ideia é o professor Gerson Lima. A gente tem conseguido avanço, em relação aos investimentos em ciências forenses, em outras áreas também que tem mandado a comissão de ciência e tecnologia, vamos ver ser a gente consegue abrir um meio para quem sabe, a partir do ano que vem, entre o leque de fomentos instituídos pela FAPERJ, haja um específico para apoiarem incubadoras de economia popular que estejam em funcionamento em instituições de ensino superior de pesquisa aqui no Rio de Janeiro.

Terceiro encaminhamento, para a gente aqui objetivar. A gente precisa - a Ana Asti, teve que sair por uma questão grave... Mas, assim, não tem sido fácil aqui no Rio de Janeiro, Diogo, outros companheiros da CODIN aqui, fazer ver ao estado, que é importante este fundo de fomento para economia solidária. É um pequeno fundo, que não precisa viver inclusive, apenas de receitas do tesouro, ele pode receber doações, ele tem várias formas de alimentar o fundo como a lei prevê. Foi difícil aprovar a lei do fundo. Nós tivemos que derrubar o veto do ex-governador Pezão, conseguimos derrubar. Depois o governador Pezão segurou a criação, porque assim, não adianta só criar o fundo, dentro da peça orçamentária precisa ter um programa de trabalho e um código de despesa, específico para esse fundo. E o go-

Nova Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro — Governo do Rio de Janeiro — documento assinado digitalmente

A assinatura não possui validade quando impresso.

A IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO garante a autenticidade deste documento, quando visualizado diretamente no portal www.io.rj.gov.br.
Assinado digitalmente em Terça-feira, 07 de Janeiro de 2020 às 23:38:37 -0200.